

INTERDISCIPLINARIDADE NA METAFÍSICA DO ESTILO DE MACHADO DE ASSIS

Sofia Débora Levy
Doutoranda HCTE/UFRJ
sofiadebora@hotmail.com

Nadya Maria Deps Miguel
Doutoranda PPGMS/UNIRIO
nadyadeps@terra.com.br

Luis Alfredo Vidal de Carvalho
Prof. Orientador HCTE/UFRJ
luisalfredo@ufrj.br

Introdução

Neste trabalho, objetivamos evidenciar o estilo fenomenológico e dialógico de Machado de Assis, no caráter interativo entre autor-narrador, leitor e personagem principal, presente no conto *O cônego ou metafísica do estilo*, construído na interdisciplinaridade do cientificismo, da psicologia, da lingüística e do processo criativo literário, destacando sua atualidade na aplicação dessas interfaces.

A referência científica: contextualização histórica

O conto *O Cônego ou Metafísica do Estilo*, de Machado de Assis (1994), originalmente publicado no jornal *Gazeta de Notícias* em 22 de novembro de 1885, integra a coletânea *Várias Histórias*, publicada em 1896, que reúne dezesseis contos publicados nesse jornal entre 1884 e 1891 (BARBIERI, 1998).

Machado de Assis é um escritor que sempre procurou estar atualizado com as idéias em voga em sua época, tanto na literatura quanto na filosofia e nas ciências (COUTINHO, 1983). O conto que aqui apreciamos retrata, em poucas páginas, tal característica do autor frente ao seu tempo. A visão de mundo do autor, identificável em sua intenção, não está separada do contexto histórico no qual está inserido - ao contrário, ele a compõe e é parte dela.

Alcançar e conhecer profundamente o sentido literário em conformidade com a intenção do autor, seria uma tarefa permeada de múltiplos caminhos, tais como o esforço em captar a *Weltanschauung* do autor; conhecer sua biografia e o possível espelhamento delas na obra – numa perspectiva mimética -; investigar a inserção histórico-social do autor e a influência daí mapeada no estilo e no conteúdo dessa obra; e ainda, a devolução ou influência que essa obra traz para

a sociedade que a recebe, seja na época de seu surgimento, seja *a posteriori*. (COMPAGNON, 1999, p. 49)

O final do século XIX marca uma significativa mudança nas idéias vigentes até então, em todas as áreas do conhecimento. O darwinismo, o livre-pensamento e o positivismo levaram à exploração de novos métodos literários. O Realismo surge como estilo fortemente influenciado pelo cientificismo da época, abordando os mecanismos fisiológicos e intelectuais nas manifestações humanas, seja à base de determinismos biológicos, psicossomáticos ou mesológicos (MEGALE, 1974).

Machado não apenas lia outros autores e cientistas de sua época, mas também praticava como literato a aplicação de sua apreensão desse mundo no qual vivia, valendo-se da liberdade da literatura de poder transcender a realidade mimetizada. E, inclusive, influenciando-a com suas obras, nas quais podia ultrapassar o limite de validade de conhecimento que o positivismo comteano atestava desde o século XIX. É o que pratica em *O cônego ou metafísica do estilo*: “Não me interrompas, leitor precipitado; sei que não acreditas em nada do que vou dizer. Di-lo-ei, contudo, a despeito da tua pouca fé, porque o dia da conversão pública irá chegar” (MACHADO DE ASSIS, 1885/1994, p. 570). Machado desfaz da comum atitude de descrença frente às novidades científicas, e ainda a provoca, contrapondo-a à atitude de conversão pela fé, depois que um grande número de pessoas a ela acede. Arrola, ainda, o leitor como exemplo individualizado de tais atitudes.

Sabedor de que propunha uma nova teoria, Machado ironiza o forte cientificismo positivista vigente, frente o qual as novas idéias encontram forte resistência de aceitação, e primeiro são menosprezadas e invalidadas, para, muito tempo depois, serem finalmente aceitas, após terem sido comprovadas pelo método de investigação empírico, replicável, mensurável e quantificável. E questiona se a adesão em larga escala à veracidade de uma nova teoria seria uma questão de fé ou de comprovação científica do conhecimento. Para isso, alude à superação do paradoxo, da estranheza frente ao novo, para a verdade comum, a que aceita sem resistência ou estranhamento o que deixa de ser novidade e passou à aceitação. No paradoxo aparente temos a resistência à novidade que, quando compreendida e aceita, passa a ser incorporada à cultura. Assim, o desacreditado autor desbravador passa a intelectual reconhecido. E Machado, provocativamente, apresenta não apenas mais uma nova teoria, mas o caráter revolucionário dela – conforme o espírito de sua época. A primeira alusão à psicologia no conto configura sua teoria numa nova maneira de pensar e, com isso, ilustra a importância que a psicologia como ciência começava a ocupar na época.

O autor sabia que teria que lidar com a resistência alheia e a intensifica na medida em que sua nova teoria psicolexicológica, com conotação sexual, estaria sendo apresentada a partir de um processo criativo do cônego, casto membro da comunidade eclesiástica. Um sermão de bodas não é encomendado ao um cônego qualquer, mas a Matias, ao “cônego honorário e pregador efetivo”, eclesiasta ilustre, reconhecido e respeitado socialmente. No entanto, o próprio Matias, ao saber-se referenciado publicamente como “um dos ornamentos do clero brasileiro”, perde a vontade de trabalhar na encomenda, pelo caráter acessório como sua ocupação fora mencionada. A ironia do autor marca também sua crítica visão de mundo frente à ordem religiosa brasileira. Machado de Assis lança mão de sua primazia para aplicar na mente do cônego Matias sua teoria psicolexicológica, a de que as palavras têm sexo e buscam-se umas às outras. Assim, ousa ultrapassar os limites antagônicos entre a Igreja, a ciência e a sexualidade.

Machado desafia, portanto, o positivismo enquanto filosofia vigente e parâmetro de ciência, a castidade impositiva da Igreja, e desbrava o processo criativo literário lançando mão de conceitos aludidos à força do inconsciente, da nascente psicanálise. Segundo Barbieri, ainda que não tenha feito nenhuma referência direta, Machado de Assis teria haurido fontes mais precisamente junto à *Filosofia do Inconsciente* de Eduard von Hartmann (1842-1906), obra à qual o próprio Freud (1976) teria aludido ao longo da construção teórica da psicanálise. E o próprio título do conto – “metafísica do estilo” - traria uma referência ao subtítulo do segundo volume, publicado em 1877, de *La Philosophie de l’Inconscient* - “metafísica do inconsciente” (BARBIERI, 1998, p. 24). Nesta obra, Hartmann afirma que a invenção deriva de processos inconscientes, cujo resultado se traduz na consciência através do sentimento do belo, sobre o qual incidirão as reflexões do artista na construção de sua obra. Mas o inconsciente continua a intervir na criação e seus processos escapam ao “olhar da consciência” (HARTMANN apud BARBIERI, 1998, p. 27).

A influência das tendências cientificizantes do conhecimento, do positivismo como paradigma filosófico vigente na Europa, também está presente no conto nas descrições psicofísicas do cônego durante o processo criativo, sendo o cérebro aludido como o órgão onde se processariam fisiologicamente os processos mentais e, em especial, o pensamento.

A mente do cônego compartilha de duas condições para a produção do conto: a subjetividade, fé e inefabilidade; e a concentração racional, respectivamente: “a inspiração, com os olhos no céu, e a meditação, com os olhos no chão” (MACHADO DE ASSIS, 1885/1994, p. 570). Matias segue escrevendo, ora mais rápido, ora mais devagar, num ritmo de produção variado, inerente ao processo criativo. Subitamente, esbarra numa dificuldade

que trava o variável fluxo: “De repente, indo escrever um adjetivo, suspende-se; escreve outro e risca-o; mais outro, que não tem melhor fortuna. Aqui é o centro do idílio. Subamos à cabeça do cônego” (MACHADO DE ASSIS, 1885/1994, p. 570). Nesse momento de dificuldade criativa, o autor-narrador conduz o leitor a outro plano narrativo, passando da descrição da cena no ambiente físico, para a cabeça do cônego. Conduz esse deslocamento colocando-se na perspectiva da percepção imaginativa do leitor, que viria a sentir a diferença do plano descritivo da narrativa – do eixo horizontal, seqüencial das ações do cônego, para o eixo vertical, conforme perspectiva descritiva anatômica do mesmo. A partir daí, passa a lançar mão da descrição de caráter topológico de diferentes funções dos hemisférios cerebrais, buscando, assim, localizar a fonte do problema, ou seja, o lugar onde nasceriam as palavras – cada categoria num hemisfério.

Nesse ponto, o autor-narrador assume suas descobertas inéditas em torno da condição e comportamento sexual das palavras que, também, sentem e se expressam – numa visão antropomórfica da linguagem e seus constituintes. Nessa antropomorfização lingüística, chama de *estilo* o casamento das palavras que se amam. Ao exemplificar, assim, sua teoria, volta a interlocutar com o leitor:

Amam-se umas às outras. E casam-se. O casamento delas é o que chamamos de estilo. Senhora minha, confesse que não entendeu nada.

- Confesso que não.

Pois entre aqui também na cabeça do cônego. Estão justamente a suspirar deste lado. Sabe quem é que suspira? É o substantivo de há pouco, o tal que o cônego escreveu no papel, quando suspendeu a pena. Chama por certo adjetivo, que lhe não aparece.... (MACHADO DE ASSIS, 1885/1994, p. 571)

As discussões acerca da possibilidade de se localizar a linguagem e determinadas áreas cerebrais até hoje continuam nas pesquisas das relações mente-cérebro (ROSA, 2010). Machado de Assis permite-se ilustrar literariamente essa obscura interface, de modo divertido:

Portanto, vamos lá por essas circunvoluções do cérebro eclesiástico, atrás do substantivo que procura o adjetivo. Sílvia chama por Sílvia. Escutai; ao longe parece que suspira também alguma pessoa; é Sílvia que chama por Sílvia.

Ouvem-se agora e procuram-se. Caminho difícil e intrincado que é este de um cérebro tão cheio de cousas velhas e novas! Há aqui um burburinho de idéias, que mal deixa ouvir os chamados de ambos; não percamos de vista o ardente Sílvia, que lá vai, que desce e sobe, escorrega e salta; aqui, para não cair, agarra-se a umas raízes latinas, ali abordoa-se a um salmo, acolá monta num pentâmetro, e vai sempre

andando, levado de uma força íntima, a que não pode resistir.
(MACHADO DE ASSIS, 1885/1994, p. 571)

Em meio a uma variedade de elementos assossobrados no obscuro inconsciente do cônego, *Sílvio* e *Sílvio* se buscam. Note-se que neste par mínimo *Sílvio* é um substantivo e *Sílvio* seu adjetivo respectivo, numa idéia amorosa de complementação cuja especificidade é mantida, mesmo frente a outras possíveis combinações.

Ao se encontrarem na consciência, *Sílvio* e *Sílvio* entoam versos do *Cântico dos Cânticos*, de autoria atribuída ao Rei Salomão para sua amada Sulamita (KRUZ, 1988), que ilustram o emergir do inconsciente *deserto* para o consciente, na manifestação da escrita do cônego como resultante da força do amor que vence até a morte:

“Quem é esta que sobe do deserto, firmada sobre o seu amado?” pergunta *Sílvio*, como no *Cântico*; e ela, com a mesma lábia erudita, responde-lhe que “é o selo do seu coração”, e que “o amor é tão valente como a própria morte”.

Nisto, o cônego estremece. O rosto ilumina-se-lhe. A pena, cheia de comoção e respeito, completa o substantivo com o adjetivo (MACHADO DE ASSIS, 1885/1994, p.573).

Do inconsciente obscuro das “formas sem forma” emergiria a linguagem, rompendo a paralisia temporária do fluxo e suspensão da expressão durante a criação: “Será da conjugação do esforço consciente com a força do inconsciente que irá ocorrer a emergência do estilo” (BARBIERI, 1998, p. 26). Ao final do conto tem-se uma descrição psicossomática de alívio do cônego ao completar o sermão com o encontro de *Sílvio* e *Sílvio*.

A estrutura do conto

Machado de Assis, maior representante do Realismo psicológico no Brasil, consoante a esse estilo, é mimético e intencionalista, explorando as realidades manifesta, subjetiva e ainda intersubjetiva – no dialogismo autor/narrador/leitor – nos contos, romances, enfim, nos diversos gêneros presentes em suas obras. Machado chega a compartilhar com o leitor a ciência dessas realidades e, assim fazendo, mantém-se atual mesmo decorrido mais de um século de seus registros. Tal fato decorre do enfoque dado aos enredos, aos personagens e à estrutura textual característicos do estilo realista psicológico, voltado para a condição humana, seus constituintes psicológicos, conflitos valorativos e emocionais que, em última análise, são universais, passíveis de atravessar tempo e espaço, e levar os leitores a reflexões tais que promovem a tomada de consciência do seu funcionamento psicológico.

O conto apresenta-se estruturado em múltiplos níveis, sendo metalingüisticamente desenvolvido à medida que descreve o cônego Matias escrevendo o sermão de bodas que lhe fora encomendado. Encontramos o dialogismo do autor com o leitor, também numa estrutura metalingüística, desde o início do conto, ao narrador anunciar sua teoria em terceira pessoa: “Não me interrompas, leitor precipitado; sei que não acreditas em nada que vou dizer” (MACHADO DE ASSIS, 1885/1994, p. 570).

Segundo a psicanalista Maria Luiza T. Assumpção, Machado de Assis entra com o leitor como terceiro na narrativa sempre que surge a situação de ter que fazer sua própria moral determinante, perfazendo uma intimidade com o leitor a fim de relativizar os seus próprios pontos de vista. Com isso, “toma tempo para se preparar para a reflexão entre ele, o personagem e o leitor, prepara-se para ver a ação do outro sob ótica diferente” (ASSUMPÇÃO, 1993, p. 182). Em nosso entender, tratar-se-ia aqui de um exercício fenomenológico a partir da irônica provocação de Machado de Assis ao apresentar uma nova teoria científica, lingüística e sexual investida na interpretação através de um representante religioso. O fato de jogar com áreas conflitantes – religião e ciência – teria levado o autor a lançar mão do recurso de interlocução com o leitor, conforme apontado por Assumpção, para a defesa de sua nova teoria, levando o leitor a acompanhá-lo para, através da experiência em comum e conjunta, evidenciar o caráter universalmente válido da mesma, posto que tanto o processo criativo - a busca e a angústia inerentes a ele -, quanto o conteúdo semântico focado na criação – a linguagem e a lingüística – são comuns e açambarcam universalmente os autores. Assim, Machado de Assis, provocativamente, convoca o leitor para o reconhecimento de sua teoria a partir de uma experiência vivida durante a leitura do conto. Nessa contextualização, promove o reconhecimento da identificação do leitor com o personagem principal, enquanto angústia vivida no processo criativo, e com o narrador, ao explicar e evidenciar a necessária atenção à combinação lingüístico-gramatical durante o processo criativo.

A captação, a compreensão, do sentido do autor – conforme postulado por Wilhelm Dilthey -, mantém o leitor em relação com o autor, num silencioso dialogismo. Uma dessas configurações de vínculo é o que postula o círculo hermenêutico, na relação dialética do todo e das partes (COMPAGNON, 1993, p. 61).

O narrador se coloca entre o leitor e o personagem principal, conduzindo o leitor em suas análises e teses acerca do que se passa na mente do cônego, tal sua posição de narrador onisciente - até mesmo em relação ao cônego, posto que fala sobre seus processos conscientes

e inconscientes. E o faz de tal modo que o leitor se identifica com tais processos, diante da descrição das etapas de criação literária que, muitas das vezes, como sabido, toma um tempo considerável do escritor em prol da inspiração e da concatenação de idéias e palavras que traduzam significativamente a expressão do escritor em seu estilo peculiar.

Subitamente, a descrição da busca psicolexicológica de *Sílvio* por *Sílvia* é interrompida, e o narrador passa a descrever para o leitor uma pausa nessa concentração do cônego, que vai até a janela e se distrai vendo a paisagem. Ao se concentrar em outro foco, que não o problema que não conseguia resolver, a solução se processa no inconsciente, onde o casal de vocábulos buscam se encontrar. A atenção consciente não é, como vimos, a condição única para o processo criativo e expressivo.

Discussões

Apesar de aludidos como gênero de difícil redação, por sua complexidade estrutural (COUTINHO, 1983), Machado de Assis referencia os contos despretensiosamente, na *Advertência de Várias Histórias* (MACHADO DE ASSIS, 1885/1994, p. 476). Metalinguisticamente, essa dificuldade também pode ser aqui reconhecida no espelhamento do autor para com o esforço do cônego.

A castidade aparece como tema paradoxal. A dificuldade de compor o sermão de bodas dar-se-ia, inconscientemente, pela castidade do cônego? A resistência psicanalítica estaria insinuada? Em nosso entender, a resistência se faz presente já no início, na hesitação do cônego em aceitar a solicitação. O conto seria, portanto, estruturado como uma aplicação literária de conceitos que viriam a ser desenvolvidos por Freud ao longo de sua teoria.

Segundo MASSINI & PERES (2004), o realismo psicológico machadiano contempla as investigações dos processos inconscientes em voga nas pesquisas européias. E é justamente na inspiração do *Cântico dos cânticos*, de valorização da castidade enquanto marco de fidelidade ao amado, que o cônego longinquamente busca a sua inspiração. Haveria nele um recalque do desejo, sublimado para o amor a Deus? Justamente num sermão de casamento é que a espera, a busca pelo par *Sílvio/Sílvia* - nomes cujo significado etimológico refere-se a *selva, natureza forte e vicejante*; e *ao material de construção ou matéria de uma obra* (FARIA, 1943, p. 344) - conduz o esforço pela linguagem específica e perfeita aos propósitos literalmente apaziguantes inspirados nos nomes de *Salomão/Sulamita* (שלומית / שלומי), pois *Shalom* (שלום) significa *paz*, em hebraico.

E a maestria mimética de Machado de Assis se faz presente de forma vibrante ao interpelar o leitor quanto às sensações suscitadas pela leitura das descrições da narrativa,

sabidamente plenas de reconhecimento e identificações pautadas pelo realismo da condição humana em seus aspectos físicos e psicológicos comuns e, notadamente, no afeto, expressão maior dos seres humanos, marcado pelo acasalamento das palavras.

Referências

- ASSIS, Machado. O Cônego ou Metafísica do Estilo. in *Obra Completa*, v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 570-573.
- ASSUMPÇÃO, Maria Luiza T. Machado de Assis: história e pré-história. *Arq.Bras.Psic.*, 45: (3) e (4), jul./ago., 1993, p.158-197.
- BARBIERI, Ivo. O cônego ou invenção da linguagem. *Rev. TB*, Rio de Janeiro, 133/134: 23/34, abr./set., 1998, p. 23-34.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria – literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- COUTINHO, Afrânio. *O processo da descolonização literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- FARIA, Ernesto. *Vocabulário Latino-Português*. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia., 1943.
- FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. in *Obras Completas Standard Edition*. v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.147-158.
- KRUZ, Gaspar.(Org.) *O Cântico dos cânticos* de Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- MASSIMI, Marina & PERES,S.P. (2004). Representações do conceito de inconsciente na obra de Machado de Assis. *Memorandum*,7,128-137. Acessado em 25/04/2010, em <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos07/peresmassimi01.htm>.
- MEGALE, Heitor. *Elementos de Teoria Literária*. São Paulo: Nacional, 1974.
- ROSA, Maria C. *Introdução à (bio)lingüística: linguagem e mente*. São Paulo: Contexto, 2010.

APRESENTAÇÃO EM PÔSTER DIALOGADO.